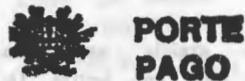




7620989

O Gaiato



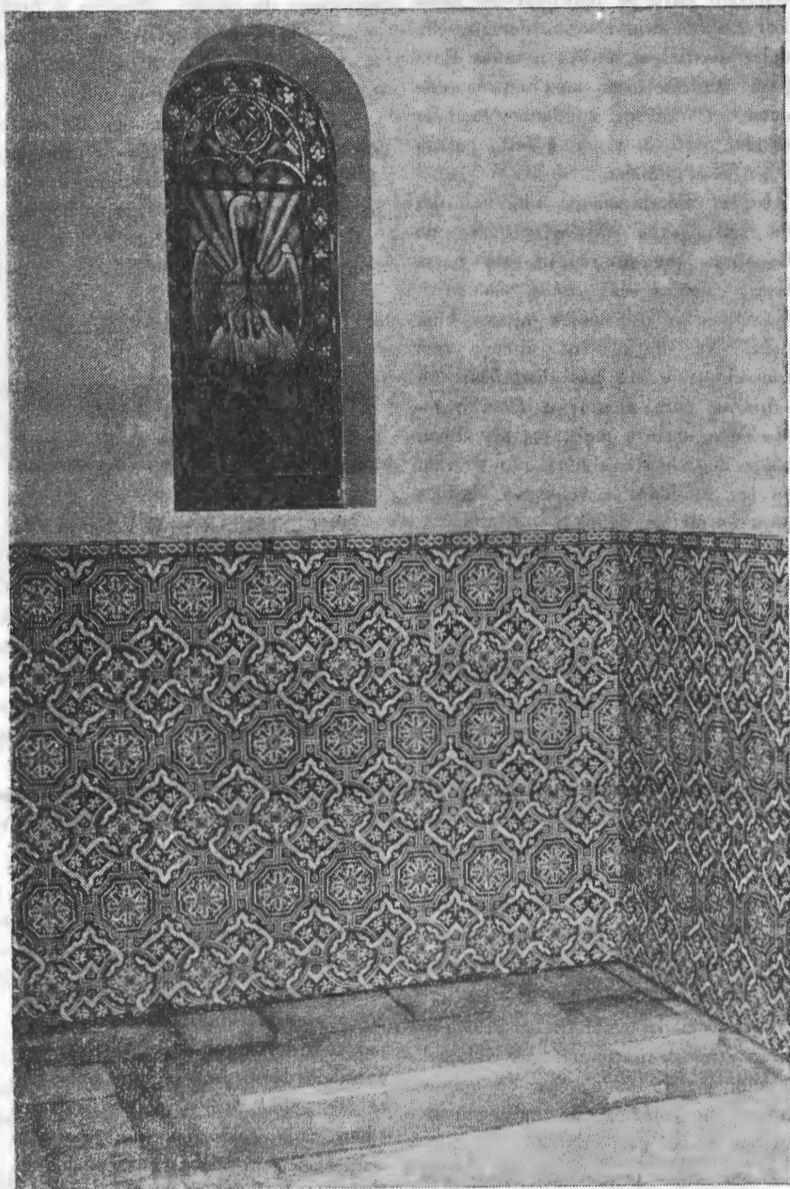
PORTE PAGO

Quinzenário * 21 de Julho de 1984 * Ano XXI — N.º 1053 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Pai Américo está aqui, num canto da Capela — o lugar mais sagrado da nossa Aldeia, em Paço de Sousa. No vitral, a luz realça a imagem do pelicano que retrata fielmente uma vida inteiramente devotada aos Pobres. Pai Américo está no seu mundo, onde e como quis ficar para sempre: recolhido sob uma pedra, trabalhada a pico fino por mãos d'artistas da *civilização do granito*, das terras do Vale do Sousa, que muito estimou pelo seu engenho e arte. Além da cruz — discípulo do Mestre — na pedra foi gravada uma legenda com o nome de Baptismo, *Américo Monteiro de Aguiar*, e o de *Presbítero* — que serviu heróicamente a Igreja na pessoa do «Lixo das ruas».



PAI AMÉRICO

• Servo de Deus e dos homens

Escrevo a pouco mais de uma semana do 16 de Julho. A Liturgia das Horas, hoje, dá-nos aquele trecho soberbo do segundo Livro de Samuel (7/1-25) que refere o vaticínio messiânico feito por Deus ao Seu servo David, pela boca de Nathan, em resposta ao voto do rei de construir uma morada digna para a Arca da Aliança. O voto é bom, mas não corresponde ao plano divino. E o Senhor diz: «Acaso serás tu a construir uma casa para Eu habitar...? Não. (...) Quando se completarem os teus dias e tu dormires com os teus antepassados, Eu suscitarei um Descendente teu e firmarei o Seu reino. Ele é que há-de edificar uma Casa ao Meu Nome e Eu estabelecerei o Seu reinado para sempre».

«Quem é o Humilde?» — dizia uma vez Pai Américo — «É o homem que se deixa ultrapassar».

David é esse homem. Deixou-se ultrapassar pelos seus inimigos... Como podia recusar a ultrapassagem ao seu Deus?! «E entrando em sua casa e sentando-se diante do Senhor», diz-Lhe um hino magnífico de louvor e acção de graças, de reconhecimento da sua pequenez e da grandeza do seu Deus, de aceitação ple-

na do Seu projecto e de fé na sua consumação: «Agora, pois, Senhor Deus, a palavra que falaste ao Teu Servo e à sua casa, seja a Palavra Eterna; faz como disseste».

E Deus fez. O Seu Verbo, o Seu Filho apareceu e foi dado aos homens: Jesus, «Filho de David», o Homem que esgotou a vida deixando-Se ultrapassar.

Só os santos, arrancados pelo desígnio de Deus à sua miséria natural e formados pelo Mestre; firmados na Palavra Eterna que Ele é — só eles penetram este mistério de contradição de que Jesus é o Sinal supremo e com Ele são capazes de o viver. Por isso, jamais o Tempo os ultrapassará.

Vinte e oito anos são passados sobre a hora em que Pai Américo «adormeceu». A recordação deste próximo passado e a evocação longínqua que o Livro de Samuel nos dá, misturam-se no meu espírito em tendência de sobreposição.

Os homens de Deus estão virados para o Futuro, constroem para a Eternidade. Têm-se a si mesmos como uma preparação. Tudo o que fizeram é um alicerce... ou uma sementeira que só germinará depois que a semente se escondeu na terra e aí morreu.

Os homens de coração mundano têm-no preso à sua obra e pensam que lhe farão falta para sempre. E acabam por fazer, de tão exclusivamente sua que a fizeram!

«A Obra da Rua começa quando eu morrer.» É verdade! É um pensamento que sintetiza uma vida e revela a grandeza do dom de Deus e a fidelidade com que foi recebido e guardado até ao fim. É uma afirmação que fundamenta a glória sobrenatural de quem a fez, consciente da sua condição de instrumento nas mãos de Deus; e garante a perenidade do serviço «porque é eterna a Sua Misericórdia».

Que na tessitura dos factos que fazem a história dos homens, a Obra da Rua começou nas ruas de Coimbra, nos anos trinta, quando ainda não havia casas nem organização nem

estatutos, mas somente um coração queimado de «um pobre padre de meia tigela que não servia para mais nada senão para visitar os Pobres». Porém, para ele, tudo isso foi preparação; enquanto, indo mais longe, tinha por inúteis os quarenta e um anos que viveu antes do sacerdócio, «tempo zero» que lhe dava a razão de dizer que «eu nasci quando me ordenei padre». E no entanto, também eles foram preparação da hora do dom de Deus.

E que dizer das humilhações sofridas nesses primeiros anos de «padre sem jeito e sem definição de vida», sob o olhar de um presbitério naturalmente inquieto sobre o acerto de o ter ordenado?!

Vinte e oito anos correram sobre essa passagem a que o mundo chama morte e a Igreja «dies natalis» dos seus santos. Santo é um pecador que foi heróico na Fé, na Esperança e no Amor.

Não porque lhe acrescentemos algo, mas por bem dos homens que estão no mundo, venho sentindo e sinto já fortemente que é chegada o Tempo de pedir à Igreja uma palavra sobre o servo de Deus e dos homens que foi Pai Américo.

Padre Carlos

Calvário

O pai faleceu há muito. A mãe, italiana de nascença, vai na casa dos oitenta. Ela na dos cinquenta, muito gastos, e pouco vividos, por carências económicas, mas sobretudo pela debilidade mental que a afecta no pensar, no falar, no comunicar.

Ultimamente, a situação agravava-se porque a pobre mãe vê escoarem-se-lhe as forças e as economias. E a casa onde pre-

sentemente vivem não é para nela sobreviverem muito tempo seres humanos. Trata-se dum palheiro sem camas, sem mobília, sem conforto algum. Elas dormem na palha. Comem na palha. Dejectam na palha. Vivem na palha. Os animais também ali não gostariam de se abrigar, naquela imundície.

A mãe pensa sobretudo na filha. Ela já pouco longe espera ir. Mas o seu único bem

carece de amparo e segurança — quando ela partir.

Os voluntários da Cruz Vermelha que aqui vieram trazer a pequena, de ambulância, pareciam transtornados com o que acabavam de ver.

— Nunca imaginávamos que se pudesse viver numa estremeira, como esta Pobre vivia. Era impossível, depois de sa-

Cont. na 4.ª pág.

4.º volume do PÃO DOS POBRES

Enquanto os mais pequeninos, os «Batatinhas», dobram O GAIATO, à nossa frente há outros ocupados na expedição do 4.º volume do PÃO DOS POBRES sob a chefia de «Gagazito» — e muito senhores do seu papel: É o «Nabo»; o Pedrito, negro encantador!; o Augustito, loiros cabelos nórdicos; o «Samoca», algo ressentido do acidente que sofremos...; o Ricardito; o Nuno Miguel; e o Carlitos, fio e tesoura na mão

Cont. na 3.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

□ Aquela avózinha — agora duas vezes mãe por morte da filha e do genro — procura-nos hoje, de novo, feliz!

— A menina passou prò segundo ano. Só tem dez anitos...!

E abre o livro do seu calvário:

— O meu neto é que não é bem fixe...! Vejo-me prò aturar! Come desalmadamente! Não quer o trigo sem nada... Come òs dois e três! Eu não posso... A vida está uma desgraça...!

Voltando à menina: A avó está disposta a corresponder ao bom aproveitamento. E nós procuraremos, na medida das possibilidades, satisfazer os encargos escolares.

— A vossa ajudinha alivia a minha cruz...!

Lá foi, para casa, muito satisfeita com um braçado de roupa jeitosa para os netos.

PARTILHA — Cidade dos Arcebispos, 1.000\$00 duma Anónima. Metade d'algures «para ajudar uma Viúva aflita».

Ainda agora ouvimos uma, cujo marido faleceu há cerca de um ano. Era funcionário duns Serviços municipalizados. Ainda não recebeu a pensão de sobrevivência a que tem direito!! Quem nos dera que os responsáveis ouvissem e sentissem no coração, na carne, o drama destas mulheres dignas, que não querem emporcalhar-se na lama para sobreviver — para criar os seus filhos. «Eu já gastei tudo o que tinha...! Eu quero criar os meus filhos de cabeça levantada! E não ligam nada à gente!...» Um caudal de lágrimas! Já demos pistas para sair do túnel. Assim ouçam a voz dos Sem-voz!

«Avó de Sintra», doente, mesmo doente, comparece com 1.000\$00. Rezemos por ela. Que o Senhor alivie a sua cruz.

«Um pequeno contributo» da cidade de Coimbra, assinante 20174. Foi aí, nos bairros mais degradados,

que Pai Américo tarimbou e, por graça de Deus, operou o incrível em nosso País. Quanto lhe devem os Pobres de Coimbra — de Portugal!

Baguim (Rio Tinto), 750\$00 «para a renda de casa» duma Viúva. Vamos defendê-las em todo o sentido. Vamos chamar pela sua dignificação. Só quem passou e passa pela Orfandade, sem possibilidades económicas, reconhece um pouco melhor o drama destas Mulheres!...

Lisboa:

«Parece incrível, mas desde Janeiro que penso responder ao apelo n'º O GAIATO de 7 de Janeiro.

Logo nesse momento pensei suprir essa falta. Porém, não dava jeito e depois houve uma série de exigências profissionais que me fizeram esquecer tudo. Neste momento, um pouco mais liberto, aqui estou» — com 2.000\$00.

Rua Clemente Menéres, Porto, 100\$00 e «não me esqueço de vós» — dos nossos Pobres. Rua Almada Negreiros, Lisboa, remanescente do PÃO DOS POBRES. «Manuel de Braga», 3.000\$00 «para as irmãs viúvas que mais precisam». Precisam muito, seja em que terra for!

Anónima de Aveiro, d'alma cheia pelo PÃO DOS POBRES lido num sopro — apesar dos seus oitenta anos! — manda 4.000\$00 para os Pobres, para se distribuírem como entendermos.

Assinante 22617, com a Amizade de sempre, 5.000\$00. Anónima de Cête vem pelo seu pé, muito cansada, e deposita em nossas mãos pecadoras 500\$00. Mais 5.000\$00 da Rua Alexandre Ferreira, Lisboa. Um sargento reformado, de Vila Nova de Gaia, 1.500\$00. Por fim, o habitual vale de correio de «Uma assinante de Paço de Arcos», presença que nos enche a alma pelo alívio que dá, regularmente, a tantos Pobres! Muito obrigado.

Júlio Mendes

INFORMAÇÃO DO GOVERNO

VISITAS — Embora o tempo, nesta época do ano, não seja ainda propício a visitas, há alguns mais

afoitos ou mais oportunos que nos têm visitado. Registamos uma excursão de Coimbra, da freguesia da Santa Cruz, que nos visita quase todos os anos.

Vieram de manhã para celebrarem connosco a Eucaristia dominical, no nosso salão, pois a capela não tem dimensões suficientes para acolher grande número de pessoas.

De tarde convivemos numa festa compartilhada com actuações de ambas as partes. Os nossos «Batatinhas» também cantaram algumas canções que a maior parte dos visitantes já conhecia por serem do programa de nossa Festa, em Coimbra. Contudo, não perderam a oportunidade de os mimosear com palmas e muito carinho.

Recordamos muitos outros que, individualmente ou em pequenos grupos, também nos quiseram conhecer e estar connosco alguns momentos.

O mais recente foi o Clube Académico de Rio Tinto que pela segunda vez nos visita. Chegaram num sábado à tarde e jogámos uma partida de futebol com o resultado a nosso favor. Independentemente do resultado interessou mais o convívio. Valeram bem as energias dispendidas a correr atrás da bola!

No fim do jogo, inaugurámos a época balnear na piscina, leite de todos nós em horas de maior calor.

Obrigado amigos que vêm até nós e vêm o que nós somos.

AGRICULTURA — Começadas as férias, é altura de nos debruçarmos sobre a «reforma agrária». As fortes chuvas que caíram não permitiram fazer grandes culturas, mas ainda assim aproveitámos as pequenas quebras para tratarmos das «urgências». A batata é superior em quantidade à dos outros anos. Esperamos que o tempo não a tenha prejudicado... Algumas, que já arrancámos, são boas e em grande quantidade!

O nosso milho está a crescer «ficando o pé» nas terras húmidas. Noutras terras semeámos feijão. Os tomateiros também já tiveram a sua vez.

É agradável ver crescer, dia após dia, o pão que semeámos e havemos de comer. Que maravilha!

Chiquito-Zé

Lar de Coimbra

CONVÍVIOS — Enquanto alguns andávamos em romaria «por terras da nossa terra», outros grupos aproveitaram para se reunirem no nosso Lar em convívio com os demais. Um deles, escuteiros, utiliza a nossa Casa para confraternizar com outros «escutas». Os nossos estudantes também tomam parte e, assim, a festa passou a ser nossa também.

Neste fim-de-semana foi a vez de um grupo de «Jocistas», de Coimbra, que se reuniu, em nossa Casa, com os seus filhos. Compartilharam com os nossos rapazes em tudo: Na oração; no almoço que trouxeram; e até nas diversões: um conjunto para alegrar a festa e todos começaram a mexer os pés. Bem, todos não, houve alguns que tiveram de ser ajudados a vencer a timidez para entrar na dança...

Foi uma tarde de Domingo em alegre convívio e só não continuou até mais tarde porque os «festeiros» tiveram de ir embora.

Obrigado. E venham mais vezes porque nós gostamos.

OFERTAS — Muitos são os que vêm a nossa Casa e aqui deixam de tudo. Outros, que não sabem onde fica ou não podem cá vir, telefonam para irmos «buscar umas coisas». Não há quinzena de venda do jornal que os vendedores não tragam sacos cheios, que senhores ou senhoras entregam na rua ou em suas casas.

Na igreja de Santa Cruz há sempre sacos atrás da porta para os Gaiatos! Quanta generosidade! São de muitos lados: de colégios, de outras instituições e de particulares.

É por estas pequeninas coisas que ainda podemos ter esperança no amor dos homens, sobretudo das crianças que conquistam tantos corações. Bem haja, Amigos!

FÉRIAS — Acabaram as aulas. Agora são raros os que passam com livros debaixo do braço a caminho dos Liceus. No nosso Lar, em Coimbra, só eu ainda tenho aulas; os outros já seguiram viagem.

Há sempre grande expectativa no final de cada ano lectivo. Os que sabem que passam, querem verificar. Os mais «tremidos» andam «à rasca» até as notas saírem. Se passam é um alívio; se reprovam, uma resignação. Aqueles que menos aproveitaram, ainda têm uma ténue esperança de passar: «Bastava o professor (de não sei quê) dar positiva, e depois mais este e aquel'outro». Alguns têm sorte, outros não.

Sabemos que dos nossos 29 estudantes nem todos seguem o caminho da ascensão. Alguns distraem-se com as «borboletas» que passam na borda...

Que todos aproveitemos bem os dons que possuímos!

Chiquito-Zé

Paço de Sousa

ANO ESCOLAR — O Verão aí está. O sol a brilhar e as pessoas a descansar. Na actualidade, ter férias é quase um luxo! Deixemos isso...

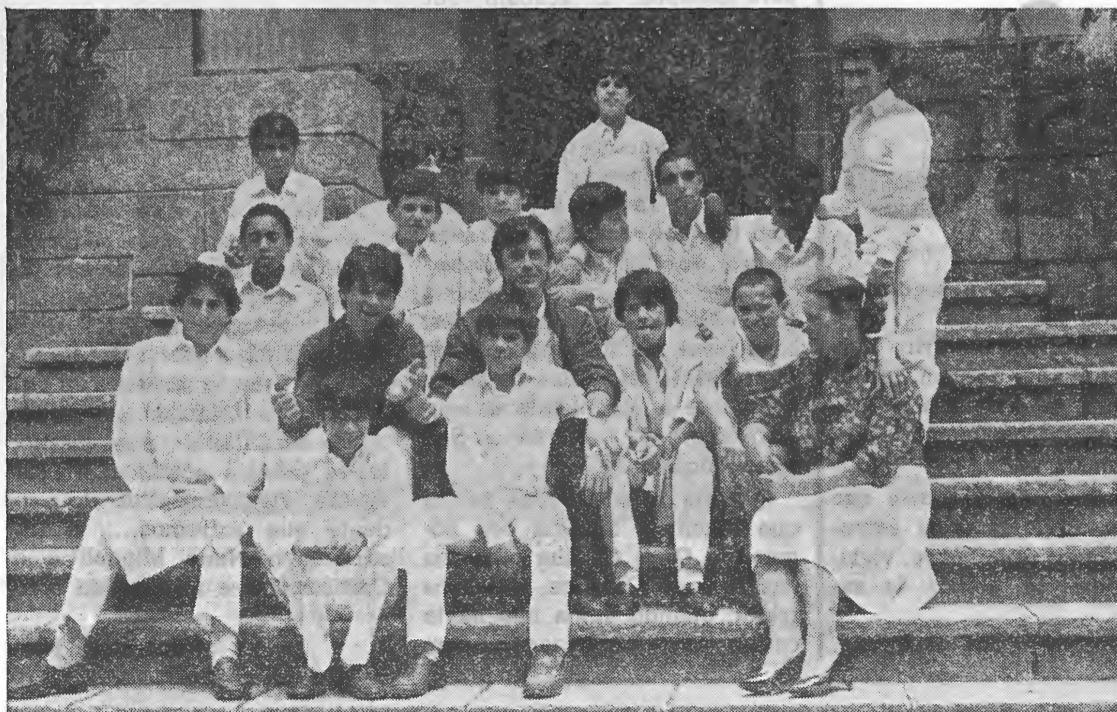
Neste final de ano lectivo, um balanço impõe-se. Em nossa Casa, temos condições excepcionais para cada Rapaz tirar o maior proveito de si mesmo. Os programas para os diferentes graus de Ensino, da Primária ao Unificado, não são de matar, mas de assimilar dia a dia, sem sobressaltos. Criou-se a ideia — existe em nossa Casa, também! — de que estudar de véspera para as provas é a solução! Nada mais fácil do que acompanhar cada lição, cada aula, como um dos nossos vaqueiros acompanha o crescer dos vitelos. É preciso carinho, dedicação e gosto pelo que se faz, pelo que nos é dado usufruir; amar cada coisa por si, em cada ocupação, sem olhar a recompensas. Basta o dever cumprido!

A parte final do 3.º período, que deveria ser de regozijo, foi um martírio. Quase todos faziam contas, nunca sabendo o que iria acontecer. É a negativa que se torna positiva e vice-versa; são os pontos globais — não sei a quem servem — nos quais tudo depende da disposição e sorte do aluno, no momento. Porque não uma avaliação contínua?... Não são os professores, directamente ligados aos alunos, quem melhor sabe julgar?...

Em Paço de Sousa vive-se em grande liberdade: os espaços-livres, desde o campo de futebol até ao parque infantil, são tónicos para a algararra que se gera. Chegada a hora do estudo, involuntariamente(?), tende a continuar o alarido... Não pode ser! Daí a necessidade de um responsável para evitar o problema. Tudo faz parte duma educação levada a cabo durante os anos. — Foste educado assim? Educa também. Comigo passou-se da mesma maneira. Por isso tentei mentalizá-los que o futuro existe da maneira como aprendermos no presente.

Vamos aos factos:

Na Escola Primária temos muitos miúdos com dificuldades intelectuais, fruto de algumas pessoas que por



Nas escadas da nossa Capela, em Paço de Sousa, Neca retratou o grupo que fez a Profissão de Fé, no qual também estão o Padre Moura e a Emília — catequista. Um dia grande para a alma destes rapazes, mau grado as horas posteriores... que só por graça de Deus não foram mais dolorosas! Cantemos, por isso, hossanas ao Pai do Céu. E sublinhemos o voto expresso de Pai Américo: «A vida religiosa nas nossas Comunidades seja o centro. As grandes aflições dos Padres da Rua tenham aqui a sua origem: vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos rapazes sangrem os padres até ao fim. A nossa Capela. A Missa dominical. O ensino da Doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os Sacramentos: Pôr-lhes a Mesa, chamá-los ao Banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados».



humanidade ou a troca de algumas centenas de escudos passam atestados de bom raciocínio ou de coeficientes de inteligência, sem se preocuparem com as dificuldades que disso advêm para uma Instituição privada como a nossa, cujo objectivo é *fazer de cada Rapaz um Homem* — lema vivo, iniciado por Pai Américo.

Na Telescola tudo correu de forma a atingir o objectivo que se propõe: 80% de aprovações.

Ser estudante do Ensino Unificado, em Penafiel, é um privilégio que nem todos os nossos Rapazes entendem! Daí os maus resultados atingidos: 50% de reprovações!

Os trabalhadores-estudantes lá vão andando como podem... Em cada ano deixam disciplinas para trás. Mas a cada um deles apenas se pede uma coisa: que sejam honestos consigo mesmos. Os resultados virão depois.

Morgado

16 DE JULHO — Festejámos a viagem de Pai Américo para o Céu.

Todos os anos, neste dia, fazemos um passeio — após a Celebração Eucarística no altar.

Agora vamos ao Gerês, que é tão bonito!

Além de tudo o mais, é um percurso que Pai Américo fazia — segundo afirma o Júlio Mendes — em dois sentidos: por motivos de saúde, pois, quando podia, costumava fazer o tratamento nas Caldas e, também, porque gostava imenso de todas aquelas belezas da Natureza.

Escrevo nas vésperas da festa, que O GALATO não pode esperar — está já nos 53.000 exemplares! — mas depois farei uma breve reportagem de tudo o que acontecer.

FUTEBOL — No último jogo vencemos o Bairros e ganhámos o torneio do F. C. Paço de Sousa.

A seguir, as quatro primeiras equipas realizaram um torneio «Relâmpago» complementar.

No jogo da meia-final triunfámos, por grandes penalidades, contra o Assento e na final vencemos o S. Lourenço por 4-0.

A nossa equipa acabou o torneio sem ter perdido um único encontro!

Esperamos novos torneios, em Paço de Sousa, para o nosso Grupo Desportivo se manter em forma, enquanto não terminarem as obras do nosso parque de jogos.

OBRAS — As obras do campo de futebol estão em fase adiantada. O muro está quase pronto, embora para já ainda se não saiba quando poderemos realizar o primeiro encontro.

Também a nossa mata entrou em obras para se plantar uma vinha. É um trabalho muito importante e que será feito segundo as modernas técnicas de plantio. Pedimos já a colaboração da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes.

O Regimento de Engenharia de Espinho cedeu-nos um soldado e uma máquina para o desaterro e preparação do terreno.

Dentro de alguns anos a nossa quinta terá mais vinho — e de melhor qualidade.

José Carlos



VISITANTES — Mais um sábado na companhia — sempre tão desejada — dos nossos Amigos, agora da paróquia de S. João de Deus.

Pelas 11 horas da manhã as pessoas reuniram-se no pavilhão polivalente e uniram-se para celebrar a Eucaristia; mais uma vez confirmando a afirmação de Pai Américo: «Nas nossas Comunidades a vida religiosa seja o centro». Depois o almoço... Cada um trouxe o seu farnel que partilhou em ambiente de muita alegria. No fim, a reinação: anedotas, música, histórias, etc. Ainda assim não deixou de haver lugar para momentos sérios e de reflexão, ao partilharem exemplos e testemunhos de vida... Mais pela tardinha fizemos uma visita à Casa, mostrando as escolas, oficinas, habitações, casa-mãe, vacaria, pocilgas, etc.

Um dia em que o sol não escondeu o seu sorriso, a simplicidade, o gesto modesto, a nossa simpatia e o amor que damos aos nossos Amigos. Pense que valeu a pena. E tanto que, à despedida, não é a primeira vez, ainda não findou o último adeus e já sentimos saudades — «não menores dos mais pequenos», diziam-nos, pelo gesto de carinho repartido, de colo em colo, ao nosso Luizinho (de 2 anos).

CONVÍVIO EM SETÚBAL — No dia 1 de Julho a nossa Casa do Gaiato de Setúbal fez 29 anos. Depois da Eucaristia, alguns dos nossos rapazes partiram na Peugeot com o sr. Padre Luiz; e, nas «calmas», o Luiz Eduardo a conduzir a Ford, com destino a Algeriz (Setúbal).

Foi uma alegria confraternizar com Gaiatos de todas as idades! Alguns já casados, acompanhados de esposas e filhos, que de longe vieram, igualmente, festejar este aniversário. O mais importante foi, contudo, o que se disse, o que se comentou sobre a Obra; comentários simples vindos da alma, uma riqueza espiritual que só Deus transmite por dons crescidos no tempo, amadurecidos na experiência.

Uma urgência: A reunião de todos os Gaiatos que já foram das nossas Casas para mostrarem os frutos da semente que Pai Américo semeou no coração de cada um. «No dia do peditério na Lapa levei sete pequenos a ver coisas...»

Que veriam hoje os novos nos antigos — eles já com mulheres e filhos?

OBRAS — Os pedreiros findaram a obra dos anexos da casa-mãe, assim como a construção de uma outra câmara frigorífica. O nosso agradecimento a um grande Amigo que nos ofereceu todo o material para as câmaras funcionarem.

O chão do pavilhão polivalente está cimentado. Começaram a rebocar os anexos; as paredes levaram já os últimos retoques. Mas ainda há muito a fazer até que os atletas possam exercer as actividades desportivas da sua preferência; e podermos, enfim, dispor de um amplo espaço de convívio para grandes reuniões, música, projecções, teatro, celebrações, etc.

AULAS — O ano lectivo de 83/84 terminou. Para alguns, a alegria do esforço diário durante todo o ano. Para outros, embora poucos, uma certa tristeza por não terem conseguido aproveitamento.

Para o ano teremos novas caras na Telescola (C. P. T. V.) e no Ensino Secundário.

AGRICULTURA — Agora não há mãos a medir! Começámos com a apanha da batata, a ceifa dos feno e do trigo. O calor do sol (apesar de encoberto) nestes trabalhos não deixa de castigar. Há que levantar cedo. Os amarelos dos campos, os frutos maduros, o trabalho duro. É a vida agrícola...

Nos pomares, as aboboreiras têm flor e tudo indica que teremos grandes e bonitas abóboras. Para a mesa colhemos batatas, couves, cenouras, alfaces, rabanetes e feijão verde.

Deus permita que o tempo corra favorável para maior rendimento dos produtos hortícolas.

PECUÁRIA — As vaquinhas não têm deixado de nos oferecer o «mimo» do leite, quente e fresquinho de manhã e à tarde. Menos sorte tivemos com as duas últimas ninhadas de leitões: morreram quase todos! Esperamos pelas próximas. Temos aproveitado o estrume das vaquinhas para a fertilização dos campos, agora com a técnica da «varinha mágica» ao serviço da modernização agrícola.

FÉRIAS — Depois de um ano de trabalho, merecidas férias. Partiu o primeiro turno, os «Batatinhas» com alguns dos mais velhos e a sr.ª D. Helena, para a praia de São Julião da Ericeira. Oxalá não falte a boa disposição, a alegria e o descanso — que só a colaboração de todos os elementos do turno poderá proporcionar.

Muitos banhos e valentes mergulhos! Mas «há mar e mar...»

Para todos vós, um forte abraço da Comunidade do Tojal.

José Manuel dos Anjos Nunes

Setúbal

ANIVERSÁRIO — No dia 1 de Julho de 1955 — dia do Preciosíssimo Sangue — foi a abertura da Casa do Gaiato de Setúbal. Há 29 anos!

A zona era propícia... Pai Américo não pegaria na oferta se não fosse o rapaz que por aqui andava necessitado.

A época passou e a razão de Pai Américo continua: O rapaz da rua permanece com as mesmas carências! Houve mudança em tanta coisa, mas neste capítulo continua tudo quase na mesma! Eu não sei se «alguém» dá fé. Todos os problemas chegam aos nossos ouvidos, menos o da criança da Rua! Os que têm o dever de olhar pelo povo esquecem os «direitos da criança» — que todo o mundo prega...

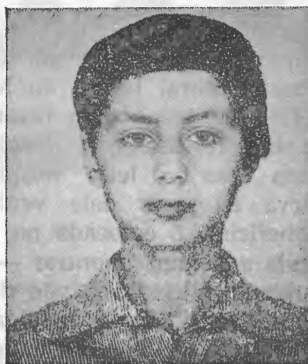
Tantas mães que nos procuram! Tantas instituições!...

O GALATO tem sido pregão. E, às vezes, ficamos desalentados porque parece que ninguém nos ouve...!

Ernesto Pinto

AVISO

Os nossos Amigos quando abordarem os serviços d'O GALATO e da nossa Editorial, tenham a bondade de indicar, sempre, o vosso nome e número da assinatura tais quais vão nos respectivos endereços do jornal ou da embalagem do livro. Obrigado.



Retalhos de vida

«PAPAGAIO»

Sou o «Papagaio». O meu nome de baptismo: Francisco Manuel Alves. Nasci em 18/9/69 na freguesia de Urros, concelho de Moncorvo.

A minha mãe trabalha na agricultura. O meu pai era um bom electricista. Faleceu com uma cirrose... Depois, passámos muito mal! Eu frequentava, então, o primeiro ano do Ciclo Preparatório. Depois, ainda consegui fazer o segundo. Não pude continuar, devido à nossa pobreza... Desse modo estive um ano sem estudar! Mas em 19/7/83 vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde já se encontravam três meus irmãos: Benjamim, Victor e Alexandre. Voltei a agarrar-me aos livros, frequentei o sétimo ano de escolaridade e passei agora para o oitavo.

Quero estar na Casa do Gaiato. Só aqui poderei ser um homem para o futuro.

Pelo interesse que tinha pela arte de meu pai — com ele aprendi algumas coisas importantes em instalações eléctricas — durante as férias, aqui, em nossa Aldeia, trabalho de electricista. E como tenho muito gosto de saber e aprender, vou aperfeiçoar-me cada vez mais.

Um abraço para os leitores d'O GALATO, especialmente os trasmontanos.

Francisco Alves («Papagaio»)

4.º volume do PÃO DOS POBRES

Cont. da 1.ª pág.

emaçando livros divididos por localidades. Uma azafáma que nos enche a alma, o coração! Faz-nos ver Pai Américo, de sorriso nos lábios, ameigando todos com um carinho especial, e doutrinando sobre o Trabalho, vitamina que fortalece as almas — que recupera o «Lixo das ruas». A verdade é que, mais tarde, sendo homens — a divisa da Obra da Rua é fazer de cada rapaz um Homem — eles melhor avaliarão o fruto destas horas, destas acções como quem brinca, no meio duma algazarra ensurdecadora! E ai de quem não entenda o Trabalho em nossas Comunidades! Não será frustração, mas desgraça...!

A nosso lado está o Nuno Miguel. Dez anos. Olhos brilhantes, cuja alvura sobressai na pequenina face negra — tão bonita! Quais os pais que não desejariam afagar, em seus braços, o Nuno Miguel?!

— Este livro não deve ir neste monte; pois não? É outra terra...

Damos-lhe um beijo. Elogiamos a sua atenção. E esclarecemos:

— Repara: é o mesmo código postal...

Num gesto adulto, conclui: — 'tá certo! É o mesmo código...

E lá foi contente por haver cumprido a sua obrigação.

Postais RSF

Todos os dias recebemos postais RSF (resposta sem franquia), de norte a sul do País, que enviámos a todos

os Leitores na anterior edição d'O GALATO. Chegam às dezenas, às centenas! E não demoramos as requisições, mau grado a sobreposição de serviço. Morgado, Teixeira e Maieirinha estão operacionais!

Há quem peça todos os livros da nossa Editorial! Outros, os necessários para a respectiva colecção. Outros ainda, só o PÃO DOS POBRES. No entanto, já esgotámos O LODO E AS ESTRELAS, de Padre Telmo. O CALVÁRIO, de Padre Baptista, vai pelo mesmo caminho! Duas obras a reeditar, bem como o PORTA ABERTA cuja Autora faz, agora, uma revisão mais apurada — com a mesma devoção da primeira hora. Deste modo poderemos servir, oportunamente, muita gente ansiosa, pois estes volumes têm um interesse específico. O PORTA ABERTA é a única obra com a Pedagogia de Pai Américo sistematizada, com um índice comentado, sendo muito procurada por pais e educadores, pelos corpos docentes e discentes de todos os graus de Ensino, especialmente de Escolas votadas especificamente à formação de professores(as).

Correspondência dos Leitores

A correspondência dos Leitores do 4.º volume do PÃO DOS POBRES é fogo que arde, Luz que alumia! Gostaríamos de dar a palavra a todos, mas O GALATO é tão pequenino! Contudo, os mensageiros são logicamente guiões dos Silenciados, documentos d'alma que

Cont. na 4.ª pág.

Calvário

Cont. da 1.ª pág.

bermos o que ali se passava, não tratarmos de a remover para melhor lugar.

A Carmen apresenta cabelo curto, onde já despontam algumas cãs; os olhos claros, mas vivos; os lábios pequenos, sempre prontos a sorrir, tentam soletrar palavras; o corpo franzino e pouco desenvolvido. Mas no fundo, a inocência e a bondade de criança transpiram fortemente na alegria com que se dirige aos outros. Traz na mão um copo de plástico: toda a sua riqueza.

A noite mostra-se-lhe a cama aberta onde irá pernoitar. Mas ela não sabe que é o local onde a noite se passa melhor. Não quer subir. Aponta o chão. A força do hábito reclama a palha. É a custo, e contrariada, que se deita no leito.

Quando à noite te deitares, tu que vais lendo estas linhas, lembra-te que há quem não saiba da existência da cama, como o lugar onde se pernoita e retemperam as forças perdidas durante o dia.

A Carmen ainda tem mãe. A senhora Dores não conhece

parente algum. Vive só. Trombose cerebral leva-a ao hospital. Nada lhe podem fazer clinicamente. Há que devolvê-la para que o leito hospitalar sirva a quem dele venha a beneficiar. É colocada no local onde a venho encontrar — um cubículo situado no vão de escada, sem luz, à medida da cama. As vizinhas clamam que não há direito de assim se proceder. Que não podem olhar por ela, pois precisa de presença muito assídua.

O Calvário vai acolhê-la.

No mesmo hospital encontram-se mais duas doentes — para eu ver. Família aqui também não aparece. Elas já não falam nem suportam alimento oral.

São situações difíceis! Compreendo a posição e a função do hospital. Também não atiro pedras a ninguém, nem sequer clamo por justiça. Esta é força que imana por si mesma. Damos apenas a mão amiga a quem carece de sustentáculo para melhor e dignamente viver seus derradeiros dias.

Padre Baptista

Cont. da 3.ª página

saboreamos diariamente, quais hossanas às maravilhas que Deus operou por intermédio de Pai Américo.

O nosso correio faria vergar o mais seco dos homens! É sagrado. Muitos Leitores que sofrem dificuldades — em época de recessão — tiram a si, aos seus, um pouco (quando não acontece muito!) do que lhes faz falta, para cumprirem o compromisso com a nossa Editorial e O GAIATO! São moedas sagradas que trazem muito da alma, do coração, do corpo dos nossos Amigos. E, para além de servirem a Obra da Rua, vão acudir a outros que não têm quê, nem ninguém que lhes bote a mão, pois o objectivo do PÃO DOS POBRES é «dar pão aos Pobres».

Lisboa:

«Aqui estou a cumprir o meu dever, por cheque, para o PÃO DOS POBRES.

Está a não ser muito... Mas para quem em 1984 tem os mesmos rendimentos que em 1974..., as possibilidades de ser mais consentâneo com os «direitos» da vossa Obra tornam-se cada vez mais problemáticas.

Obrigado. E Deus proteja a barca que conduzis por meio de tantos escolhos...»

4.º volume do PÃO DOS POBRES

Caldas da Rainha:

«Junto a modesta oferta de 200\$00 para o PÃO DOS POBRES, com imensa pena de não poder mandar mais!... Presentemente a minha pensão de velhice é apenas 6.410\$00. Pago 4.000\$00 do aluguer do quarto e como já por mais uma vez tive ocasião de dizer, quem me vale é o meu bom irmão com a sua preciosa ajuda. Mas ele também é pobre, vivendo da sua reforma e só para o quarto são 6.000\$00 mensais!... O custo de vida continua a subir astronómicamente, os pobres são cada vez mais pobres e os ricos cada vez mais ricos!...»

Porto:

«Recebi e agradeço o 4.º volume do PÃO DOS POBRES que, como vicentino, gostosamente leio há mais de duas décadas — pois é um verdadeiro guia.»

Coimbra:

«Já li o PÃO DOS POBRES. Eu sou do tempo do Lojão (à Estação Velha, de Coimbra) e do tempo dos Lázarus. Também eu e os meus fomos como algumas dessas famílias do livro. Éramos sete irmãos. O meu pai só queria mulheres e vinho. A minha mãezinha trabalhava noite e dia e fazia a gente cuidar de tudo numa roda viva! Passámos alguma fome e mais o resto que Deus sabe...»

Outra vez Coimbra:

«Bem hajam pelas lágrimas que me proporcionaram com a leitura do 4.º volume do PÃO DOS POBRES que agora terminel.

Deus permita que algo tenha ficado em mim — para além da pena sentida...»

Barreiro:

«Acabo de receber o livro de Pai Américo: PÃO DOS POBRES. Satisfaz o nosso coração ressequido e árido desta vida, como a água pura duma nascente nos mata a sede e conserva a vida.

A vida de Pai Américo, para mim, projecta-se para além da sua desapareição física e continua a lutar contra o nosso comodismo de pessoas instaladas na rotina do dia-a-dia, sem por vezes olharmos de perto os Outros e os seus problemas.

Farei o possível de o ler com todo o coração e não o pôr a enfeitar as minhas estantes. Farei o possível, também, para o pôr a circular por todos os que conheço e principalmente por quem tanto amo e tão afastados andam dos verdadeiros problemas sociais, pois penso como Pai Américo tão bem diz na página 18 do citado livro: «Os obreiros da Revolução Social têm de ser pacíficos e silenciosos».

Envio a insignificância de mil escudos para liquidação do mesmo. Se sobrar alguma coisa façam o favor de empregar no que for mais necessário nesta altura.

Se não me exprimi correctamente, pude, ao menos, afirmar o que me diz o coração.

Bem haja pelo bem que fazem. A Obra da Rua é candeia acesa, colocada bem alto para que todos vejamos o Caminho.»

Júlio Mendes

Aniversário do Calvário

N. da R. — É oportuno assinalarmos o 27.º aniversário do Calvário, mansão de Doentes pobres incuráveis — dos barredos de Portugal — que não tinham onde reclinar a cabeça, tampouco quem lhes desse a mão...

Ele é a «menina dos olhos» de Pai Américo, um lugar sagrado, a sua última e mais transcendente acção destinada aos Pobres mais pobres do nosso País.

Eu tomo a palavra do Prelado (D. António Ferreira Gomes) e digo aqui, falando em cristão, que a morte do Justo se chama Triunfo.

16 de Julho de 1956 — Pai Américo triunfou: passou da

vida à Vida por sobre um abismo que se chama morte; respondeu presente à chamada de Cristo: «Vinde benditos de meu Pai...», porque «quanto fizestes ao mais pequenino dos irmãos, foi a Mim».

Não podia ser de toada fúnebre a comemoração de tal data. Desde a primeira hora o desejo de todos foi que ela fosse uma afirmação de vida, justamente a colheita do primeiro fruto da última semente que Pai Américo — ele mesmo — semente nossa! — nos deixou.

O Calvário abriu a 16 de Julho de 1957. Começa uma etapa nova do nosso calvário, mas o Espírito Santo há-de guiar nossos passos, como guiou os dele, no caminho du-

ma Obra que Deus sugeriu e que mostra querer.

As obras estão longe do seu termo. Porém, duas casitas ficaram prontas e em acabamento o hospital — casa-mãe da pequenina Aldeia de Incuráveis.

O acto central foi a bênção da Capela, o antigo espigueiro. «A casa do pão deu lugar à Casa do Pão Vivo descido dos Céus para alimento das almas.»

A Capela é o coração das nossas comunidades. «A vida religiosa seja o centro. As grandes aflições dos Padres da Rua tenham aqui a sua origem: vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos rapazes, sangrem os padres até ao fim. A nossa Capela. A Missa dominical. O ensino da Doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os Sacramentos: Pôr-lhes a Mesa, chamá-los ao Banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados.» O que Pai Américo diz a respeito dos rapazes é verdade a respeito dos doentes.

Por isso que sem coração não há vida nós não quisemos que o Calvário abrisse sem a sua Capela. A bênção e a santa Missa foram o acto central daquele dia.

O acto, digo, porque os protagonistas esses foram os cinco primeiros habitantes do Calvário.

Na «Casa Esperança» fica um casal. Senhor Albino é o incurável. Ti Adosinda, uma velhita adorável, válida ainda, apesar de bem doente e, sobretudo, muito, muito alegre. Como a Obra é de Doentes, para Doentes, pelos Doentes, há-de



O acto central — há 27 anos — foi a bênção da Capela, o antigo espigueiro. «A casa do pão deu lugar à Casa do Pão Vivo descido dos Céus para alimento das almas.»

Director: Padre Telmo
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PACO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paco de Sousa

Chefe de Redacção: Júlio Mendes